

Magdalena Walczuk
Uniwersytet Warszawski
magda_walczuk@gazeta.pl

***Cadernos Negros* – vozes afro-brasileiras às margens da literatura**

Resumo:

O artigo apresenta a série editorial *Cadernos Negros* dedicada à literatura afro-brasileira. Aborda brevemente as circunstâncias da sua criação e o seu desenvolvimento a partir do ano 1978 até hoje; menciona também os principais temas levantados por autores na poesia e prosa e a importância dos *CN* no processo de consolidação da literatura negra e na afirmação da identidade negra no Brasil. O assunto é colocado no contexto mais amplo de relações raciais no Brasil, marginalização da produção cultural dos afrodescendentes, com ênfase na literatura, e luta pela inserção igualitária desse grupo na sociedade e cultura brasileira.

Palavras-chave: literatura afro-brasileira, cultura afro-brasileira, *Cadernos Negros*, negritude, preconceito racial.

Abstract:

***Cadernos Negros* – Afro-Brazilian voices on the margins of literature**

The article presents the literary series *Cadernos Negros* dedicated to Afro-Brazilian literature. It sums up briefly its creation and development since 1978 until today, as well as the main themes treated by its authors and its importance in the process of consolidation of negro literature and affirmation of negro

identity in Brazil, putting the topic in the ample context of racial relations, marginalization of Afro-Brazilian cultural production (with emphasis on literature), and the struggle for egalitarian integration of this group in the Brazilian society and culture.

Keywords: Afro-Brazilian literature, Afro-Brazilian culture, *Cadernos Negros*, negritude, racial prejudice.

Acreditamos que, no início deste artigo, seja oportuno explicar brevemente o que é a série *Cadernos Negros*. Trata-se, pois, de um fenômeno à margem do mercado editorial brasileiro. Os volumes publicados circulam, majoritariamente, em circuitos alternativos de leitores, sendo que sua tiragem é modesta e sua venda se limita a apenas alguns pontos em todo o Brasil. O primeiro volume da série foi lançado em São Paulo em 1978. Até hoje foram publicados 37 volumes (alternadamente de poesia e de contos), difundindo a produção literária de autores afrodescendentes, que dificilmente encontraria espaço em publicações de grandes editoras. A ideia foi concebida por um coletivo de estudantes negros (muitos deles engajados em movimentos de caráter político-social) durante encontros e discussões no Centro de Cultura e Arte Negra na capital paulista. O grupo liderado por Luiz Silva (Cuti), adotou o nome Quilombhoje que, mais tarde, passou a ser o nome da editora responsável pela edição da série.

Apesar de vários obstáculos, a série conseguiu resistir por mais de três décadas, dando uma maior visibilidade na cena literária brasileira a escritores negros, estimulando-os a desafiar os modelos ocidentais consagrados pela tradição literária e encorajando novas gerações de escritores a começarem sua trajetória no mundo da literatura, até então reservado praticamente às elites brancas. O período de efervescência político-cultural no Brasil pós-abertura política e dentro dele a consolidação do Movimento Negro Unificado, favorecia este tipo de iniciativas, que se inscreviam no clima global de mudanças sociopolíticas, entre elas, a descolonização de países africanos. Entre as inspirações dos criadores da série, vale a pena mencionar ainda

o movimento *Négritude*, que proclamava a aceitação da herança africana por parte de negros, valorização da mesma, independente dos padrões ocidentais dominantes, e uma busca por identidade autêntica sem referência ao colonizador.

Tudo isso contribuiu para que a juventude negra começasse a refletir acerca do seu lugar na vida social, política e cultural brasileira e a buscar medidas para conseguir inserção mais igualitária na sociedade. Na época, jovens negros, pela primeira vez na história do país, conseguiram ganhar maior acesso às universidades. Do contato mais intenso com bens culturais, nasceu então uma necessidade de se autorreconhecer nas representações literárias, cinematográficas, teatrais, visuais, etc. Todas elas eram moldadas de acordo com os padrões ocidentais, deixando de fora as singularidades da vivência da população negra num país como o Brasil, que por trás de um mito de democracia racial insistia em esconder marcas da profunda desigualdade e discriminação racial.

Os *CN* surgem, portanto, como fruto desse anseio do afro-brasileiro de se autorreconhecer na literatura, reproduzir nela seu cotidiano, suas dores, amores e ideais, já que, como afirma Cuti: “faltou e falta ainda dentro dessa literatura brasileira feita por brancos os traços da nossa subjetividade. Nós estamos representados nessa literatura pela visão que o branco tem de nós” [Costa, 2008: 23]. Os textos da série são pioneiros na tentativa de quebrar as barreiras impostas pelo cânone literário para “apoderar-se do sistema de representação escrita, tentando reverter lugares depreciativos destinados aos afro-brasileiros e sua cultura” [Souza, 2008: 44].

Ao mesmo tempo que militantes e intelectuais negros começavam a batalha pela integração da população negra na sociedade, massas de negros, como efeito secundário do acelerado processo de industrialização e urbanização do país, eram levados cada vez mais distante para as periferias da vida social, econômica e cultural. As periferias urbanas transformavam-se assim em uma espécie de *senzalas contemporâneas* em relação aos centros urbanos.

As massas de excluídos dificilmente podiam encontrar sua representação na literatura. Os *CN*, desde o princípio assumiram um

compromisso com a causa social e abriram espaço às vozes pouco ouvidas no cenário literário brasileiro, algumas silenciadas há séculos. Ao lado dos oprimidos contemporâneos, cujas batalhas cotidianas são um tema muito presente nos textos, ressoam também vozes de ancestrais negros que trazem memórias da travessia atlântica forçada e desumana e da sua vivência sofrida sob o jugo da escravidão. O tom de denúncia de desigualdades, injustiça social e violência cotidiana permeia grande parte dos poemas e contos.

Os autores comovem o leitor com cenas de miséria e desespero enfrentadas cada dia por grande parte da população negra. Imagens como: inundação de uma favela e deslizamento de terra provocado por uma chuva forte [Correia, 2008: 215-216], morte de um jovem por simples infecção de dente deixada sem tratamento [Evaristo, 2008: 175-177] ou massacre de pobres nas escadas da Igreja Candelária [Vieira, 1998: 93-103] não nos deixam indiferentes. Um dos contos que ficam gravados na nossa memória é, com certeza, *Pão da Inocência* que termina com uma cena de funeral de um menino, cujo irmão mais novo nem é capaz de sentir tristeza, pois a única sensação que envolve o seu corpo pequeno é uma fome insuportável [Rodrigues, 1998: 73-77].

Vários poemas e contos trazem lembranças históricas, às vezes incômodas e indesejáveis, que a historiografia oficial tende a apagar ou afastar para o segundo plano a fim de abrandar a visão do passado escravista, marcado por conflitos e relações violentas e perversas entre senhores e escravos. Os textos rompem também com a imagem de negro submisso (ora escravo, ora vítima da opressão econômica e social), revelam uma intenção declaradamente combativa e militante tal como no poema de Márcio Barbosa, em que declara: “sou rebelde / ressentido / retraído / sou do gueto” [2008: 146-147], ou no verso de Celinha: “De mim parte o canto guerreiro” [2008: 34-35]. Os autores com frequência trazem à tona nomes de guerreiros e revoltosos negros, entre eles o símbolo máximo de resistência escrava Zumbi dos Palmares e, ademais, fazem uma recuperação crítica do passado.

A leitura de vários poemas e contos publicados nos *CN* deixa perceber logo que o preconceito racial, continua a influenciar as

relações interpessoais e sociais no Brasil. A denúncia do preconceito estabelece-se, pois, como o ponto central do projeto literário de vários escritores dos *CN*. As atitudes racistas no Brasil podem ser caracterizadas como *racismo velado* (termo criado pelo sociólogo F. Fernandes), ou seja, racismo que se expressa de maneira indireta, sem entrar em conflito aberto, mantendo um *código de decoro*, compartilhado tanto por negros como por brancos, mesmo que de forma inconsciente [Fernandes, 1972]. O preconceito é conservado no vocabulário, nas expressões idiomáticas e coloquiais, nas formas de tratamento. Em muitos casos assume formas sutis, quase impercebíveis. Isso faz com que seja difícil de ser definido, provado e portanto desenraizado. Mesmo na sua forma *branda*, o preconceito não deixa de ferir e marcar negativamente as histórias pessoais dos negros. Leva, pois, a uma baixa autoestima e, não raro, a crises identitárias.

A série *CN* abunda em histórias de indivíduos negros e mestiços que dedicam toda a sua vida a apagar traços da negritude e afastar-se da visão estereotipada do negro, seja pondo roupa *certinha*, seja comportando-se de maneira *direitinha* e reservada, seja alisando e aclarando o cabelo, etc. A maioria deles falha nesse aspecto, e, apesar de todo esforço para esconder a sua ascendência, passam a ser identificados como negros. As próprias famílias negras não se conseguem proteger contra os padrões dominantes que inferiorizam os seus membros em função da cor da pele (quanto mais escura, pior) e criam seus filhos de modo que conheçam o *seu lugar*. O nascimento de um filho mais claro é visto como uma bênção, conflitos familiares envolvem insultos referentes à cor e aos traços negroides, mães torturam suas filhas alisando o chamado *cabelo ruim*, ou seja o cabelo afro, e recorrendo a métodos nada delicados. O *pixaim*, assumido com orgulho de pertencer à raça negra, torna-se símbolo da rebeldia contra a opressão dos afro-brasileiros e seus valores [cf. poema-manifesto *Cabelos que negros*, Silveira, 2008: 151].

A discriminação assume a sua forma mais cruel quando se refere às crianças, que, desde cedo, são encaixadas num sistema que as estigmatiza e absorvem o *perigoso ideal de brancura*, inculcado pelos adultos e pela mídia – o grande Hipocrisil, que “vende sonhos

de beleza impossível para milhões de garotinhas escuras”, como diz Jamu Minka no poema *Envenenando garotinhas* [2008: 139]. A estigmatização dos negros é também frequente nas escolas. Muitos autores confessam, através dos textos supostamente autobiográficos, os seus traumas ligados à discriminação constante exercida por parte dos seus colegas e até mesmo professores, tal como relatado no conto *Lembrança das lições* de Cuti, referente a aula de história: “A palavra escravidão vem como um tapa e os olhos de quase todos moleques da classe estilingam um não sei o quê muito estranho em cima de mim. A professora nem ao menos finge não perceber. Olha-me também” [2008: 181-184]. As crianças negras ficam relegadas para a margem mesmo no mundo aparentemente inocente de contos infantis. Faltam protagonistas com que se possam identificar positivamente. Não há, pois, muitas princesas e muitos cavaleiros de rosto escuro. . .

De acordo com vários textos da série, os afro-brasileiros que resolvem procurar uma identidade mais fiel às suas raízes étnicas têm de percorrer um processo nada fácil. Optando por valores e posturas que não gozam de prestígio social, travam uma luta interna, cheia de dúvidas, armadilhas e falhas. Não raro, têm que se revoltar – correndo risco de ser rejeitado – contra o seu ambiente social e familiar, que os tenta manter no seu *devido lugar*.

Na cultura brasileira dominante, mesmo que esta seja vista como sincrética e recetiva às influências multiétnicas, pode ser observada uma constante marginalização dos afrodescendentes, tanto no que se refere ao seu acesso à cultura, como também ao reconhecimento dos valores e da contribuição afro-brasileiras na formação da cultura nacional. No que toca à integração dos elementos africanos na cultura nacional, podemos afirmar que a mesma se apropriou de algumas manifestações de origem africana, moldando-as de acordo com suas necessidades e segundo modelos eurocêntricos. Capoeira, samba, carnaval, feijoada, simbolicamente *branqueados*, ou seja, desafricanizados, viraram então símbolos da brasilidade, o que não significa que a população e a cultura afro-brasileira na sua forma original, automaticamente passaram a ser mais valorizadas. As suas manifestações mais puras, não legitimadas pela cultura dominante

e, portanto, *exóticas* e *menos civilizadas*, dotadas do rótulo depreciador *coisa de preto*, até hoje carecem do devido reconhecimento, enfrentam o desentendimento e preconceito, em especial quando nos referimos às religiões afro-brasileiras [Schwarcz, 1998: 196-199; Buarque, 1997].

O que se tem processado na cultura brasileira é uma certa *folclorização* de produções culturais negras. A cultura erudita continua um privilégio das classes melhor situadas econômica e socialmente. Claro que este cenário tem sofrido mudanças graduais nos últimos anos, mas os modelos antigos ainda persistem. No esquema tradicional, o negro podia ser produtor de cultura desde que sua atuação se reservasse aos domínios como futebol, capoeira, samba, música popular. O negro produtor de literatura era visto como alguém *fora de lugar* e parece, que neste aspeto, a evolução tem sido bastante lenta. É muito reveladora neste sentido uma pesquisa, coordenada pela profa. Regina Dalcastagnè, que estuda a presença negra no romance brasileiro contemporâneo, analisando as publicações das principais editoras do país no período de 15 anos. O estudo, que abordou 258 romances, mostra uma predominância branca esmagadora tanto no que toca à autoria (93,9% dos autores são brancos) como à participação dos personagens negros (representam apenas 20% do total, sendo que grande parte exerce papéis secundários, inferiorizantes e de conotação negativa) [Dalcastagnè, 2008]. Mesmo que concordemos que a literatura não tem compromisso de ser um mero reflexo da realidade, estes dados não deixam de ser, no mínimo, curiosos e dignos de reflexão profunda, num país cuja população negra e mestiça supera 50%, de acordo com o último censo realizado pelo IBGE.

A tendência de marginalização do negro é muito forte na totalidade da literatura brasileira. Como já referimos há pouco, sua imagem raramente sai para além de estereótipos, permeados pelo preconceito racial, e é construída através dos protagonistas colocados em posição subalterna e servil em relação ao branco (escravo, empregada doméstica, cozinheira) e que, muitas vezes, desempenham papéis negativos de malandro, traficante, assaltante. Observa-se também uma forte sexualização do negro, em especial da mulher negra ou mulata, tratada

como objeto sexual, ora desejado ora rejeitado como uma ameaça à moral [Dalcastagnè, 2008; Proença Filho, 1997].

O corpo negro é, com frequência, representado como dotado de vigor sexual excepcional e propiciador de prazeres. É um clichê do qual se distanciam muitos autores dos *CN*. Como exemplo, vejamos um trecho do poema *Nuegreza* de Serafina Machado: “Dispo-me / porque rejeito esta pele – selvagem, exótica, animal – que em mim mumificaram” [2008: 155]. Em seu lugar, os poetas cantam a beleza negra e situam o erotismo em uma nova perspectiva, trabalhando uma poética própria que não encontra muitos modelos na tradição literária. A inserção do corpo negro nas folhas e, a partir do número 18, nas capas dos *CN*, desafia de forma consciente a abordagem tradicional a ele dado, que o associa mais ao trabalho físico do que intelectual.

A produção literária de vários autores negros e mestiços, muitas vezes digna de reconhecimento, foi omitida pela crítica por causa da “branquitude dos conceitos e valores críticos hegemônicos, detentores do poder literário capaz de elevá-los ou deixá-los no limbo” [Duarte, 2011]. Tal foi o caso de escritores negros excelentes como Solano Trindade, Firmina dos Reis, Raimundo de Souza Dantas, Lino Guedes, Nascimento Moraes. Outros, como Cruz e Souza, Lima Barreto ou o próprio Machado de Assis foram *branqueados* pela crítica literária, que relegou para o segundo plano a sua origem étnica e a dedicação à causa negra, que a sua obra incluía, mesmo que de forma indireta [Duarte, 2008].

Os *CN*, já no próprio título, enfrentam o sentido pejorativo colocado na palavra negro. Os autores assumem sua negritude e a afirmam, sublinhando que a população negra brasileira não é descendente de escravos, e sim descendente de africanos. E isso, claramente, faz toda diferença quanto à valorização do seu legado cultural. A África, a saudosa terra-mãe, um espaço mítico, é uma constante nesta literatura. Os textos são cheios de referências às tradições e manifestações da cultura afro-brasileira. Evocações aos ancestrais, deuses africanos e orixás, uso de palavras e expressões em ioruba, mostram sua ligação muito forte com as matrizes africanas advindas das tradições orais,

um elemento estruturante da preservação da tradição. Nos *CN*, vemos uma tentativa de transpor este patrimônio imaterial para a língua escrita. Uma das ferramentas é dotar versos de rítmica, tal como no poema *Batuque* de Carlos de Assumpção, cujos versos imitam o bater dos tambores [1998: 28-30].

Vale a pena destacar ainda o papel feminino. Mulheres negras aparecem em vários textos como detentoras do saber e da tradição, os quais protegem e transmitem para as novas gerações [cf. *De Mãe*, Evaristo, 2008: 120-121]. Os autores dos *CN* dedicam muita atenção à mulher afro-brasileira, duplamente oprimida pela sociedade, como mulher e como negra. Observamos também presença cada vez mais acentuada das mulheres como autoras, oferecendo ao leitor uma mudança de perspectiva muito interessante.

Escritores e escritoras assumem nos *CN* um ponto de vista afro-identificado. Como esclarece Duarte:

Tal perspectiva permite elaborar o tema do negro de modo distinto daquele predominante na literatura brasileira canônica. (...) Daí o projeto de trabalhar por uma linguagem que subverta imagens e sentidos cristalizados. É uma escrita que, de formas distintas, busca se dizer negra, até para afirmar o antes negado. E que, também neste aspecto, revela a utopia de formar um público leitor negro [2011: s.p.].

Estas palavras, na verdade, podem servir como definição do termo *literatura afro-brasileira*, que, de acordo com o pesquisador, é um conceito *em processo*. Pois é um fenômeno relativamente recente e até entre os próprios autores afrodescendentes não há unanimidade sobre o que cada autor entende como literatura negra [*ibidem*].

Não nos aprofundando neste momento no debate acerca do próprio termo, podemos afirmar que a importância da série *CN* no desenvolvimento do que entendemos por literatura afro-brasileira é inquestionável. Muitos dos autores negros, hoje reconhecidos, tiveram a sua estréia literária nas folhas desta publicação. Vários deles conseguiram desenvolver trabalho independente, publicando antologias e romances que começam a ganhar público leitor não só no Brasil, mas também fora dele. Os textos publicados nos *CN* despertam um interesse

cada vez maior dos leitores e da academia, inspiram estudos e ensaios diversos de pesquisadores, professores, ativistas.

Os contos e poemas publicados nos *CN*, *caminhando na contra-mão do cânone*, constituem uma espécie de *quilombo literário* no mercado editorial brasileiro contemporâneo [Soares Fonseca, 2008: 57]. São símbolo da resistência negra contra as barreiras impostas pelas classes dominantes. Mostram a positividade e o orgulho de ser negro. Deste modo, constituem um suporte forte na construção da identidade afro-brasileira e na afirmação dos afrodescendentes e dos seus valores. Oferecendo uma nova perspectiva que obriga a *desalojar do conforto figuras, palavras e conceitos preestabelecidos* [Souza, 2008: 46] e ampliando os modelos estéticos tradicionais, com certeza são textos que podem enriquecer a literatura brasileira, dar conta da diversidade cultural do Brasil e tornar-se uma voz importante na discussão sobre a construção de uma sociedade brasileira mais solidária e fraterna.

Referências bibliográficas

- ASSIS DUARTE, E., de (2008), “Literatura afro-brasileira: um conceito em construção”, *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, 31, Ed. UnB, Brasília, pp. 11-23.
- ASSIS DUARTE, E., de (2011), *Entrevista com E. de Assis Duarte no blog Prosa*, [on line] <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2011/11/05/antologia-critica-traca-historia-da-literatura-afro-brasileira-414930.asp> – 01.09.2013.
- ASSUMPTÃO, C., de (2008), *Batuque*, em: *Cadernos Negros: os melhores poemas*, Quilombhoje, São Paulo, pp. 28-30.
- BARBOSA, M. (2008), *Sou do gueto*, em: Ribeiro, E., Barbosa, M. (ed.), *Cadernos Negros: três décadas: ensaios, poemas, contos*, Quilombhoje–SEPPPIR, São Paulo, pp. 146-147.
- BUARQUE DE HOLLANDA, H. (1997), “A mão afro-brasileira: resenha antiga”, *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Negro brasileiro*, 25, IPHAN, Brasília, pp. 35-37.

- CELINHA (2008), *Negritude*, em: *Cadernos Negros: os melhores poemas*, Quilombhoje, São Paulo, pp. 34-35.
- CORREIA, L. (2008), *Temporal no barraco de Binho*, em: Ribeiro, E., Barbosa, M. (ed.), *Cadernos Negros: três décadas: ensaios, poemas, contos*, Quilombhoje–SEPPPIR, São Paulo, pp. 215-216.
- COSTA, A. (2008), *Uma história que está apenas começando*, em: Ribeiro, E., Barbosa, M. (ed.), *Cadernos Negros: três décadas: ensaios, poemas, contos*, Quilombhoje–SEPPPIR, São Paulo, pp. 19-39.
- CUTI (2008), *Lembranças das lições*, em: Ribeiro, E., Barbosa, M. (ed.), *Cadernos Negros: três décadas: ensaios, poemas, contos*, Quilombhoje–SEPPPIR, São Paulo, pp. 181-184.
- DALCASTAGNÈ, R. (2008), “Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea”, *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, 31, Ed. UnB, Brasília, pp. 87-110.
- EVARISTO, C. (2008), *De Mãe*, em: Ribeiro, E., Barbosa, M. (ed.), *Cadernos Negros: três décadas: ensaios, poemas, contos*, Quilombhoje–SEPPPIR, São Paulo, pp. 120-121.
- EVARISTO, C. (2008), *Di Lixão*, em: Ribeiro, E., Barbosa, M. (ed.), *Cadernos Negros: três décadas: ensaios, poemas, contos*, Quilombhoje–SEPPPIR, São Paulo, pp. 175-177.
- FERNANDES, F. (1972), “O negro no mundo dos brancos”, *Coleção Corpo e Alma do Brasil*, 36, Difusão Européia do Livro, São Paulo, pp. 21-43.
- MACHADO, S. (2008), *Nuegreza*, em: Ribeiro, E., Barbosa, M. (ed.), *Cadernos Negros: três décadas: ensaios, poemas, contos*, Quilombhoje–SEPPPIR, São Paulo, pp. 155.
- MINKA, J. (2008), *Envenenando garotinhas*, em: Ribeiro, E., Barbosa, M. (ed.), *Cadernos Negros: três décadas: ensaios, poemas, contos*, Quilombhoje–SEPPPIR, São Paulo, pp. 139.
- PROENÇA FILHO, D. (1997), “A trajetória do negro na literatura brasileira”, *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Negro brasileiro*, 25, IPHAN, Brasília, pp. 159-177.
- RODRIGUES, J. E. (1998), *Pão da Inocência*, em: *Cadernos Negros: os melhores contos*, Quilombhoje, São Paulo, pp. 73-77.
- SCHWARCZ, L. K. M. (1998), “Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade”, *História da vida privada no Brasil*

- *contrastes da intimidade contemporânea*, Companhia das Letras, São Paulo, pp. 174-243.
- SILVEIRA, O. (2008), *Cabelos que negros*, em: Ribeiro, E., Barbosa, M. (ed.), *Cadernos Negros: três décadas: ensaios, poemas, contos*, Quilombhoje–SEPPPIR, São Paulo, pp. 151.
- SOARES FONSECA, M. N. (2000), “Visibilidade e ocultação da diferença: imagens do negro na cultura brasileira”, em: *Brasil afro-brasileiro*, Soares Fonseca, M. N. (ed.), Autêntica, Belo Horizonte, pp. 87-115.
- SOARES FONSECA, M. N. (2008), “30 anos no compasso de resistência”, em: Ribeiro, E., Barbosa, M. (ed.), *Cadernos Negros: três décadas: ensaios, poemas, contos*, Quilombhoje–SEPPPIR, pp. 57-67.
- SOUZA, F. (2008), “30 anos de leitura”, em: Ribeiro, E., Barbosa, M. (ed.), *Cadernos Negros: três décadas: ensaios, poemas, contos*, Quilombhoje–SEPPPIR, São Paulo, pp. 43-56.
- VIEIRA, L. (1998), *Operação Candelária*, em: *Cadernos Negros: os melhores contos*, Quilombhoje, São Paulo, pp. 93-103.